

SOBRE A “CASA DAS SETE MULHERES”

Nos últimos dias tenho respondido muitos questionamentos a respeito da mini-série “A casa das sete mulheres”, levada ao ar pela Rede Globo de Televisão de terça a sexta-feira, sempre tarde da noite. Invariavelmente querem saber a opinião do MTG a respeito do tema. Na qualidade de Presidente tenho procurado externar a minha posição sobre o assunto, sem a pretensão de que ela tenha unanimidade, mas sempre coerente com a filosofia e os princípios da instituição que por força estatutária devo representar.

Analiso a produção procurando entender a sua motivação e considerando que não se trata de um documentário, mas de uma criação artística cujo pano de fundo e relação com a realidade, diz respeito ao “decênio heróico”, quando os gaúchos se rebelaram contra o Império Brasileiro e fizeram uma Revolução com tentativa de independência do Estado do Rio Grande do Sul.

Destaco alguns aspectos que me parecem importantes para uma análise desapaixonada: as informações de cunho histórico, as relações interpessoais entre os personagens e os cenários utilizados.

As informações de caráter histórico sobre a Revolução Farroupilha (Guerra dos Farrapos) são, na sua maioria, fiéis ao que se conhece sobre o evento. A cronologia dos fatos está sendo respeitada e são mostrados de acordo com a literatura. É claro que foram pinçadas, pela produção, algumas situações marcantes, enquanto outras foram deixadas de lado. A invasão de Porto Alegre, em 19 de setembro, por exemplo, não foi tratada, mesmo que tenha sido o marco inicial da revolta. De qualquer forma neste aspecto, a história, não há reparos importantes a serem feitos.

Quanto aos personagens e suas relações, fica clara a linha novelesca da Globo. A exploração da sexualidade, do apaixonamento e da posição submissa da mulher dá a impressão de que não se trata de uma história real. Procurando entender a necessidade de tornar a trama interessante para o grande público, especialmente fora do Estado, não me atrevo a criticar açodadamente a opção feita pela emissora, mesmo achando que não havia necessidade de mostrar tantas cenas de libido e de relações sexuais explícitas. Com relação aos personagens há uma clara tentativa de “endeusar” Bento Gonçalves, de “demonizar” Bento Manoel e de desmerecer David Canabarro. Bento Gonçalves não foi “santo”, em nem poderia sê-lo. Era um militar proprietário de terras, idealista e mau estrategista, adaptado ao seu tempo, com virtudes e defeitos já muito explorados pela literatura. Bento Manoel não foi um demônio e nem com ele fez pacto. Seu papel era o de chefe militar sem engajamento efetivo e sem compromisso ideológico. Foi uma espécie de mercenário sem pagamento. Com relação à figura de David Canabarro, parece-me estar havendo o maior erro. Pintá-lo como promíscuo, relapso e com fisionomia de alcoólatra é afrontar a história e desconhecer os registros.

Os cenários da “Casa das sete mulheres”, não poderia ter sido melhor trabalhado. Sabemos que, em várias situações, não há relação entre o fato e o cenário apresentado. Não houve qualquer movimentação de tropas nos Aparados da Serra, especialmente no Itaimbezinho, no entanto, o fato de aproveitar a oportunidade para mostrar imagens de lugares magníficos e pouco conhecidos do nosso Estado, merece nossos elogios. Devemos nos lembrar que não se trata de um documentário e sim de uma produção artística.

Mesmo que haja críticas sobre a não utilização da música regional gaúcha, alguns equívocos de indumentária, o mau uso da lenda da “Salamanca do Jarau”, entre outros itens, prefiro destacar os aspectos positivos. Dentre eles elejo aquele que considero o mais importante: o despertar, no gaúcho, do debate sobre a sua própria história, sua identidade e a construção do imaginário do gaúcho que alimenta diariamente as atividades tradicionalistas.

Em todas as rodas, em todas as ocasiões, nas fábricas, nas escolas, nos CTGs ocorre o debate. Alguns criticam, outros elogiam. Muitos se emocionam, enquanto há os que protestam veementemente. As opiniões com os mais variados enfoques servirão para nos ajudar a despertar, em nós mesmos, a necessidade de nos conhecermos melhor, de entendermos nossa história e de fortalecermos nossa identidade cultural. Tenho dito que, para o MTG, esta produção tem sido muito útil, ela tem, inclusive, nos facilitado alguns acessos e a realização de alguns projetos que visam o fortalecimento da cultura gaúcha.

Manoelito Carlos Savaris
Presidente do MTG